



Resumir o traçado dos mapas

Prisca Agustoni

p. Davi Pessoa

Caronte é uma esfinge
é também camaleão,
já andou na estrada
de ferro e canhão,

cruzou o continente
de oriente a ocidente
nas trilhas de escombros
e sapatos solitários

expulsou a máquina
do mundo para fora
do caule da existência
mais dilacerada

descalço avança
com sua cadência
e seu disfarce,

toca vagaroso a litania
nas vértebras inflamadas
de Vladimir e Dante,

cospe nas rimas
na espinha de sangue
e concreto de Ossip
Mandelstam

tripudia dos ossos
da fúria do fogo
nas ruas ele ri
da cartilagem das horas

que despencam
pela fuligem
pelos gases
lacrimogênios

seu riso é um escárnio
feroz e lancinante
como bala insuspeita
adentrando a carne

seu palco é a derrocada
do humano, do átomo
no descampado
da alegria deformada

amoral é esse cão
que agoniza na estrada,
a pomba suja -
ratazana no verso
de Donizete Galvão

indecente é o gozo
diante da unha encravada,
o nítido projeto
de um país estrangulado

mas a ardência do grito
preso no peito
se espalha como mancha
de petróleo no oceano

até um dia ser esse inchaço
essa pústula infecciosa
uma força represada

e da agonia dos gogos
forjar enfim o novo dicionário
que defina
a combustão
de uma língua alucinada

somos esse ardil que acutila
veloz como projétil,
somos a língua enrugada,
um equívoco portátil,
temos a ternura que mata
feroz, feita fuzil engatado.

Sim, ainda somos as flechas
de um arco em riste,
temos a floresta circulando
na aorta, essa fúria herdada
dos dóceis

hoje resta-nos apenas
a face mais humana
e o desejo como motor
– antídoto
contra a infecção

nesse século puído
pela besta bactéria
que quer nossa extinção.

[os poemas fazem parte do livro inédito *Mundo mutilado*]